

**Vendôme (Duques de)** — 1. César de Bourbon (Coucy-le-Château, 7.6.1594 - Paris, 22.10.1665). Bastardo de Henrique IV, foi legitimado em 1595, tendo recebido, em 1598, o título de D. V. e o governo da Bretanha. Distinguiu-se na luta contra os huguenotes. Por causa da conspiração de Chalais esteve preso em Vincennes (1626-1630). Viveu depois no exílio, na Holanda e na Inglaterra, até 1643. Ao autorizar, em 1651, o casamento do seu filho, o 2.º D. V. também designado duque de Mercoeur, com uma sobrinha de Mazarino, recebeu o governo da Bretanha e, posteriormente, a superintendência da navegação. No ano em que morreu derrotou uma esquadra espanhola ao largo de Barcelona.

2. Louis Joseph de Bourbon (Paris, 1.7.1654 - Vinaroz, 11.6.1712). Filho do 2.º D. V. Louis de Bourbon (1612-1669), que foi vice-rei da Catalunha (1650) e, depois de enviuar (1657) cardeal (1667); distinguiu-se na guerra contra os Holandeses (1672), marechal-de-campo (1678), foi governador da Provença (1681) e comandante-chefe da Catalunha (1695-1697) durante a guerra de Sucessão de Espanha, tendo conquistado Barcelona. Na campanha de Itália (1702-1706) alcançou a vitória de Calcinato (1706). A sua derrota em Oudenaarde (11.7.1708), nos Países Baixos, fê-lo cair em desgraça. Chamado por Filipe V, reabilitou-se em Espanha (1710): reconduziu o rei a Madrid, após as vitórias de Villaviciosa e Guadalajara. Teve honras de príncipe, jazendo no Escorial entre os infantes. Foi um dos maiores cabos de guerra do seu tempo.

A. DE OLIVEIRA

**Venegas** — GEN. O m. q. *Vonegas*. Querem os autores espanhóis que este apelido seja português e tenha passado à Andaluzia. Em compensação, outros dizem que o apelido é de origem espanhola e passou a Portugal. *D. N. E.* regista que a origem é espanhola. No reinado de D. João III (1521-1557) acompanhou a Portugal a princesa D. Joana, irmã de Carlos V de Espanha, para vir casar com o príncipe D. João, que depois foram pais do rei D. Sebastião, D. Luís V. de Figueiredo, que fixou residência nestes reinos e ficou servindo os reis portugueses, casou com D. Guiomar de Sá, dama da imperatriz D. Isabel, mulher de Carlos V de Espanha, filha de A. Juzarte de Melo e de D. Guiomar de Sá, que foi dama da imperatriz quando princesa de Portugal. Foi este fidalgo pintor, conhecido por V., que viveu em Lisboa, tendo sido primeiramente ourives, bom debuxador, antes de ser artista plástico e notável por sua arte. A capela da Igreja da Luz foi a sua principal obra, efectuada em 1575. Este artista foi mandado por D. Manuel I a Roma completar os seus conhecimentos sobre arte. As armas deste apelido são: de azul, três palas de prata. Timbre: leão, de sua cor, armado e linguado de ouro. Carta de brasão em 1706 e 1714. *A. P. S. F.* nota que os de apelido V. usam as armas de Ataíde (de azul, quatro bandas de prata. Timbre: uma onça saltante, bandada de nove peças, de azul e de prata, lampassada de vermelho).

GAB. EST. HERÁLDICOS

BIBL.: Francisco de Andrade, *Crónica de D. João III*; Queiroz Velloso, *D. Sebastião*, (1554/1578); M. Pinheiro Chagas, *Diccionario Popular*, A. H. G.; A. L.; A. P. B.; A. P. S. F.; B. I.; B. P.; B. P. M.; D. N. E.; E. N.; I. H.; N. P.; T. H. P.; T. N. P.

**Venegas (Miguel)** — Humanista, poeta e dramaturgo novilatino (Ávila, 29.9.1531 - Alcalá de Henares, depois de 1589). Foi prof. de Retórica na Univ. de Alcalá, de onde saiu, para entrar na Companhia de Jesus, em 1554. Aí se ordenou em 1559. Ensinou em vários colégios da Companhia: no de Sto. Antão, em Lisboa (1556-1558), e no Colégio das Artes, em Coimbra (1559-1562). Em Coimbra, fez representar, a 9.7.1559, a sua tragédia *Saul Gelboaeus*; em 1562, *Achabus*, tragédia em latim, como a anterior, ambas com grande êxito. Em Julho de 1561, à passagem por Coimbra do legado pontifício, Próspero de Sta. Cruz, os alunos de M. V. interpretaram um diálogo escolar que, assim como os dramas, existe em diversos mss. Em 6.11.1562, partiu de Lisboa para Roma, onde pouco se demorou, pois em 8.11.1563 chegava a Paris para ler Retórica no Colégio de Clermont. Estava de novo em Roma em Abril de 1566, de onde seguiu para a Baviera, regressando a Itália em Julho do mesmo ano. Por toda a parte alcançou grande fama como prof. de Humanidades e dramaturgo. Saiu da Companhia de Jesus, por livre vontade, em 1567. Encontramo-lo em 1568 na Univ. de Salamanca. Aí ensinou Retórica e outras disciplinas de Humanidades, e teria sido Reitor do Colégio Trilingue. Ainda em 1570 uma obra dramática, cujo nome desconhecemos, era premiada pela Univ. de Salamanca. Posteriormente, há notícia da sua presença na Univ. de Alcalá e da sua participação em celebrações académicas no ano de 1589.

A. COSTA RAMALHO

BIBL.: Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, VII, 557-558; Claude-Henri Frêches, *Le Théâtre Néo-Latin au Portugal*, Lx., 1964 (cf. recensão em *Humanitas*, XVII-XVIII, Coimbra, 1965-1966, 361-363); A. Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Lx., 1997, 333-345; Nigel Griffin, 'Some Jesuit Theatre manuscripts', in *Humanitas*, XXIII-XXIV, Coimbra, 1971-1972, 427-434; id., *Two Jesuit Abab Dramas*; Ermelinda E. Ferreira Barbosa Couto, *Saul Gelboaeus de Miguel Venegas*, Coimbra, 1968 (dissertação de licenciatura dactilografada); Maria Margarida L. Miranda, 'Do Colégio Romano à Universidade Gregoriana Omnium Nationum Seminarium (Roma, 2001)', in *Humanitas*, LIII (2001), 443-445; ed., *Miguel Venegas, S. I. e o Nascimento da tragédia Jesuítica, A «Tragoedia cui nomen ináditum Achabus (1562)»*, ead., crítica, trad., comentário e notas, Coimbra, 2002 (Tese de doutoramento policopiada); ead. 'O Colégio das Artes de Coimbra, berço de uma poética dramática (1559-1562)', in *Brotéria*, 2/3 vol. 157, pp. 135-153.

**veneno** — MED. Produto tóxico, i. é, substância capaz de prejudicar a saúde ou destruir a vida. Do ponto de vista fisiológico, os V. podem ser:

- a) *cáusticos* — inflamam e corroem as mucosas;
  - b) *neuromusculares* — actuam sobre os sistemas muscular e nervoso;
  - c) *hemotrópicos* — alteram a hemoglobina ou lesionam as células hemáticas.
- (↗Envenenamento. ↗Intoxicação. ↗Toxicologia.)

**veneno de aranha** — BIOQ. Muitas aranhas têm glândulas de veneno, que é utilizado para paralisar e matar as suas presas, mas que raramente é perigoso para o homem. É, porém, o caso das toxinas produzidas pela *Latrodectus tedeceinguttatus*, da Europa Setentrional, e pela viúva negra-da-américa (*L. nactans*). Os princí-



César de Bourbon



Louis Joseph de Bourbon

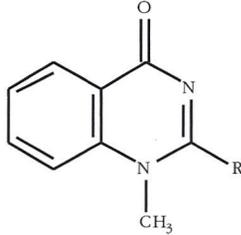


Venegas

pios activos do veneno são de natureza proteica e relacionados com os venenos de cobra e de escorpião. Contém ainda enzimas hidrolíticas, como a  $\alpha$ hialuronidase e  $\beta$ proteases, mas é desprovido de fosfolipases e de agentes heno-líticos ou coagulantes.

C. PINTO RICARDO

**veneno de centopeia** — BIOQ. A centopeia europeia (*Glomeris marginata*) excreta, através de oito poros dispostos em fiada ao longo do corpo, veneno capaz de matar ratos e aranhas.



Glomerina (R = C<sub>2</sub>H<sub>5</sub>)  
Homogloberina (R = CH<sub>3</sub>)

Os principais compostos tóxicos são os alcalóides de natureza quinazolinica, glomerina e homogloberina. Outros artrópodes, vários organismos marinhos e alguns insectos ( $\beta$ Veneno de joaninha) são também capazes de sintetizar os seus próprios alcalóides, substâncias consideradas até aos anos 70 do séc. xx como exclusivos do metabolismo vegetal. Note-se que era conhecida a presença frequente de alcalóides em insectos, usados com fins defensivos, mas que se constatava provirem das plantas de que eles se alimentavam. O recurso a precursores marcados radioactivamente veio permitir demonstrar, inequivocamente, a síntese de alcalóides por animais.

C. PINTO RICARDO

**veneno de cobra** — BIOQ. É constituído por uma mistura de toxinas produzidas nas glândulas das cobras venenosas. Incluem um conjunto de polipéptidos e proteínas muito tóxicas, que provocam a paralisia e morte da presa, e enzimas, que facilitam a difusão das toxinas no corpo intacto da presa engolida e iniciam a sua digestão.

As proteínas tóxicas são classificadas em três grupos com base no seu modo de acção:

- a) as cardiotoxinas são veneno do músculo cardíaco que originam a despolarização irreversível das membranas celulares do músculo do coração e das células nervosas;
- b) as neurotoxinas são veneno dos nervos que apresentam uma actividade idêntica à do  $\beta$ curare — inibem a transmissão de impulsos nervosos;
- c) os inibidores de proteases inibem a actividade da quimotripsina, da tripsina e da acetilcolinesterase e de outras enzimas envolvidas na transmissão de impulsos nervosos.

Constituem exemplos destas toxinas a cobramina A, a cobramina B, a crotactina, a crotamina, a crotaxina e a taipoxina. As enzimas incluem a hialuronidase, que promove a difusão das toxinas, a ATPase e a acetilcolinesterase, envolvidas

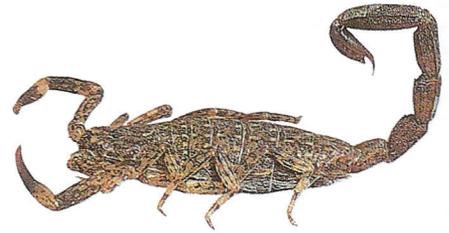
na paralisia da presa, fosfolipases, responsáveis pela hemólise, e proteinases e L-aminoácido oxidases, de cuja acção resulta a necrose de tecidos e a coagulação do sangue.

Estima-se que morrem 30 000 a 40 000 pessoas por ano devido a mordeduras de cobras venenosas, das quais c. 50 ocorrem na Europa. Muitos animais, como o ouriço cacheiro e o mangusto, possuem imunidade natural contra os V. C. São utilizadas grandes quantidades destes venenos na preparação de  $\beta$ anti-soros específicos em cavalos. Estes podem ser posteriormente utilizados na imunização contra as mordeduras das cobras.

Alguns V. C. têm aplicação terapêutica no tratamento de dores, de doenças reumáticas e de epilepsia. Por estes motivos, as cobras venenosas são criadas em cativeiro. O veneno é recolhido ou por mordedura numa membrana, com o veneno a ser injectado num reservatório de vidro, ou exercendo pressão nas glândulas que o contém. Estas técnicas permitem a extracção de uma quantidade de veneno por cobra que varia, dependendo da espécie, entre umas dezenas e umas centenas de miligramas.

R. BOAVIDA FERREIRA

**veneno de escorpião** — BIOQ. Escorpiões pertencentes a vários géneros taxonómicos (*Androctonus*, *Butbus*, *Centruroides*, *Leiurus*, *Tityus*) excretam veneno pelo aparelho «picador» da cauda, o qual contém diversos péptidos neurotóxicos (com actividade no sistema nervoso, tanto periférico como central). Alguns destes péptidos, designados por escorpaminas, assemelham-se em estrutura e acção com neurotoxinas de venenos de cobra (nomeadamente da cobra capelo). Verifica-se que do ponto de vista celular as neurotoxinas do escorpião exercem os seus efeitos nefastos sobre o organismo animal, em consequência de interferirem com o funcionamento de canais iónicos, quer de Na<sup>+</sup>, K<sup>+</sup> ou Cl<sup>-</sup>.



Escorpião  
(*Lyctas marmoreus*)

Os péptidos que actuam sobre os canais de Na<sup>+</sup> são os de maiores dimensões (contêm de 45 a 72 aminoácidos) e é entre eles que se contam as escorpaminas. Recebem as designações mais específicas de toxinas  $\alpha$  (toxina I, toxina M7, toxina V, etc.), toxinas  $\beta$ , toxinas  $\gamma$  ou, ainda, toxinas AaHIT<sub>4</sub>, AaIT, LqqIT, etc. Os péptidos que actuam sobre os canais de K<sup>+</sup> são bastante mais pequenos (de 31 a 39 aminoácidos), recebendo designações como: toxinas de Tityus, leurotoxina I, iberiotoxina, margatoxina, noxiustoxina, etc. Os péptidos que actuam sobre canais de Cl<sup>-</sup> são também pequenos (c. 36 aminoácidos), sendo exemplo a clorotoxina.



1 - Aranha viúva-negra  
2 - Serpente

As manifestações macroscópicas do efeito destas várias toxinas são bastante variáveis com a toxina e com os organismos sobre que actuam, os quais podem ser insectos (como baratas), caranguejos, ratos, coelhos, mamíferos de maiores dimensões ou mesmo o homem. As  $\alpha$ -toxinas (toxina I) do escorpião do Norte de África (*Androctonus australis*) são péptidos com c. 64 aminoácidos, que se contam entre os mais potentes venenos neurotóxicos. Produzem hiperexcitabilidade muscular, aceleração da respiração, convulsões, parálise espástica e, eventualmente, paragem respiratória.

C. PINTO RICARDO

### veneno de joaninha — $\rightarrow$ Coccinelina.

**venera** — HER. Móvel que em heráldica se representa com uma vieira ou concha de romeiro. Alguns autores empregam este termo com o significado de condecorações, de qualquer grau e ordem militar ou religiosa.

GAB. EST. HERÁLDICOS

**venerável** — CAN. Quando uma pessoa se distinguiu, durante a vida, pelas suas virtudes, por vezes institui-se, depois da morte, a causa da sua  $\rightarrow$ beatificação e canonização, que permitirá tributar-lhe o culto público devido aos santos. Até 1913, logo que se dava início à causa, o servo de Deus recebia o título de V. Actualmente, tal título só lhe é conferido quando, depois dos processos informativos, lhe é reconhecida a heroicidade das virtudes cristãs, i. é, que ele as praticou em grau heróico, acima do comum. Tal título, porém, não dá direito a que se lhe preste culto público, o qual só é permitido, de modo restrito, depois da beatificação e, de forma plena, após a canonização.

ANTÓNIO LEITE

**venéreas (doenças)** — MED. Do latim *venereus*, de Vénus, deusa do amor: são doenças contagiosas, quase sempre adquiridas através de contactos ou relações sexuais. A designação de «venéreas» tende, no entanto, a ser rejeitada, porque, consideradas doenças «feias», ligadas à promiscuidade sexual, é compreensível os doentes procurarem ocultarem-nas, resultando disso o seu agravamento e a sua disseminação na comunidade social. Por estes factos, preconiza-se que se lhes chamem «doenças transmitidas por contacto sexual», título de sentido sem dúvida menos desagradável, mas também mais lato, por englobarem outras enfermidades ou estados mórbidos, cutâneos, orgânicos ou simplesmente psíquicos. Com efeito, ao lado da sífilis, gonococia, doença de Ducrey e doença de Nicolas-Favre, condilomas acuminados, há outras, como o molusco contagioso, pediculose, sarcoptose (sarna), tricomoníase, candidíase, etc., também muito frequentemente contraídas pelo convívio sexual, ainda que não exclusivamente por essa via.

AURELIANO DA FONSECA

**venericardia** — PALEONT. Lamelibrânquio heterodonte intergripaleado incluído na superfamília Carditacea, família Carditidae. A concha é cordiforme e prosógira, com costilhas numero-

sas, fortes, divergentes a partir do gancho e normalmente escamosas. As valvas são espessas, inequilaterais, equivalves, anisomírias e denticuladas no bordo interno. Charneira tipo heterodonte com dois dentes cardinais, dos quais o dente anterior da valva direita se apresenta sempre reduzido. Fóssil corrente em formações do Cretácico superior ao Eocénico da Europa, África e América do Norte.

ROGÉRIO ROCHA

BIBL.: *Treatise on Invertebrate Paleontology*, N. 2, dir. de R. C. Moore, Lawrence, 1969.

**Venero** — GEN. Apelido de origem espanhola, das montanhas de Santander. Desconhecemos quando e com quem passou a Portugal. O ms. da B. N. n.º 1143 diz que as suas armas são: de vermelho, castelo de prata, sobre uma rocha, de sua cor, e um pinheiro de verde, ao lado, com dois galgos, de prata, presos um de cada lado. Não é conhecida carta de brasão.

GAB. EST. HERÁLDICOS

BIBL.: Ms. da B. N. n.º 1145.

**Venetos** — HIST. População indo-europeia, vinda talvez dos Balcãs, e emigrada para a planura vêneta [hoje região de Itália, entre o lago Garda (a O); os Alpes (a N); o Pó (a S) e o mar Adriático (a E)] c. 1000 anos a. C. Testemunham esta civilização pré-romana: Ateste, cujas necrópoles são epigraficamente muito ricas; Pádua; Altino; Ádria, etc. Depois da sua progressiva romanização, a partir do II séc. a. C., o território dos V. foi, na remodelação administrativa de Augusto, integrado na província de «Venetia et Istria».

PRIMULA VINGIANO

BIBL.: A. de Bon, *La colonizzazione romana dal Brenta al Piave*, Bassano, 1933; G. B. Pellegrini, *Le iscrizioni venetiche*, Pisa, 1955.

**Veneza (República de)** — HIST. Constituiu-se na segunda metade do séc. VIII, após o abandono, por parte do Império Bizantino, das últimas praças na Itália. A falta de contacto e de auxílio vindo de Bizâncio está na origem da autonomia política das ilhas da laguna vêneta, onde encontraram refúgio os hab. do continente fugidos às invasões bárbaras (dos Hunos aos Longobardos). No séc. IX o centro administrativo é definitivamente estabelecido na ilha de Rialto, e no séc. X aparece o nome de *civitas Veneciarum* referido aos hab. de Rialto e ilhas adjacentes. Em 828 chega, vinda de Alexandria, a relíquia de S. Marcos, proclamado então patrono da cidade. Veneza vai florescendo devido ao tráfego com Bizâncio e o Levante. As expedições contra os sarracenos e os eslavos da Dalmácia, no séc. XI, asseguram a Veneza a liberdade de movimento no Mediterrâneo. É no decurso dos sécs. XII e XIII que Veneza estende a sua hegemonia à bacia do Mediterrâneo oriental, mediante a participação na IV Cruzada e a fundação do Império latino de Oriente (1204). Esta expansão não podia deixar de provocar conflitos com Génova, que se iniciaram com a derrota veneziana de Cúzola (1298) e culminaram na Guerra de Chioggia (1378-1381), acabando de vez com as ambições expansionistas de Veneza para o Levante. Em contrapartida,



Venero